

# SUMÁRIO

## **1 O QUE É DIDÁTICA DO ENSINO SUPERIOR, 1**

- 1.1 Qual é o lugar da didática na formação de professores, 2
- 1.2 Ensino ou aprendizagem?, 5
- 1.3 Como abordar o processo de ensino, 8
- 1.4 Pedagogia ou Andragogia?, 10
- 1.5 O que torna o aprendizado eficaz, 11
  - 1.5.1 Variáveis relacionadas aos alunos, 11
  - 1.5.2 Variáveis relacionadas ao professor, 12
  - 1.5.3 Variáveis relacionadas ao curso, 13

*Leituras recomendadas, 14*

## **2 QUEM É O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, 15**

- 2.1 Como se prepara o professor universitário no Brasil, 16
- 2.2 Que papéis desempenha o professor universitário, 17
- 2.3 Características do professor eficaz, 21
- 2.4 Ciclos da vida do professor, 25
- 2.5 Estilos de atuação do professor universitário, 27
- 2.6 Desafios atuais do professor universitário, 29

*Leituras recomendadas, 31*

## **3 QUEM É O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, 33**

- 3.1 Como as pessoas se diferenciam, 34
- 3.2 Como classificar os estudantes, 36
  - 3.2.1 Classificação de Mann, 36
  - 3.2.2 Classificação de Astin, 38
  - 3.2.3 Classificação de Kuh, Hu e Vesper, 40
  - 3.2.4 Classificação de Coates, 40

- 3.3 Como lidar com a diversidade no Ensino Superior, 41
  - 3.4 Como identificar estudantes “problemáticos”, 42
  - 3.5 Como diagnosticar características dos estudantes, 44
- Leituras recomendadas, 46*

#### **4 COMO SE RELACIONAM PROFESSORES E ESTUDANTES, 47**

- 4.1 Importância do relacionamento interpessoal, 48
- 4.2 Perspectivas teóricas sobre o relacionamento professor-estudante, 49
  - 4.2.1 Relação professor-estudante segundo Rogers, 49
  - 4.2.2 Relacionamento professor-aluno do ponto de vista psicanalítico, 51
  - 4.2.3 Relação professor-aluno no Construtivismo, 53
- 4.3 Momentos significativos no relacionamento com os estudantes, 54
  - 4.3.1 Mantendo o primeiro contato com a classe, 54
  - 4.3.2 Conhecendo os estudantes pelos nomes, 55
  - 4.3.3 Dando e recebendo *feedback*, 56
  - 4.3.4 Formulando perguntas, 57
  - 4.3.5 Respondendo a perguntas, 58
  - 4.3.6 Abrindo-se para os estudantes, 58
- 4.4 Como lidar com a diversidade em classe, 59
- 4.5 Como lidar com “estudantes problemáticos”, 61
  - 4.5.1 Como lidar com estudantes agressivos, 61
  - 4.5.2 Como lidar com estudantes que procuram chamar a atenção e dominar as discussões, 61
  - 4.5.3 Como lidar com estudantes desatentos, 62
  - 4.5.4 Como lidar com estudantes que não se preparam para as aulas, 62
  - 4.5.5 Como lidar com estudantes que habitualmente apresentam desculpas, 63
  - 4.5.6 Como lidar com estudantes que reagem emocionalmente a tópicos da disciplina, 63
  - 4.5.7 Como lidar com alunos que apresentam dificuldade para acompanhar o curso, 64
  - 4.5.8 Como lidar com estudantes desanimados, 65
  - 4.5.9 Como lidar com estudantes com problemas psicológicos, 65

*Leituras recomendadas, 65*

#### **5 COMO UTILIZAR ESTRATÉGIAS PARA FACILITAR A APRENDIZAGEM, 67**

- 5.1 Conceito de aprendizagem, 68

- 5.2 Que fatores interferem no processo de aprendizagem, 68
  - 5.2.1 Competências intelectuais, 69
  - 5.2.2 Idade e sexo, 70
  - 5.2.3 Fatores emocionais, 72
  - 5.2.4 Fatores sociais, 73
  - 5.2.5 Motivação, 73
  - 5.2.6 Concentração, 75
  - 5.2.7 Reação, 76
  - 5.2.8 Realimentação (*feedback*), 76
  - 5.2.9 Memória, 77
  - 5.2.10 Hábitos de estudo, 79

*Leituras recomendadas*, 80

## **6 COMO PLANEJAR O ENSINO, 81**

- 6.1 O que significa planejar o ensino, 82
- 6.2 Quais os níveis de planejamento, 82
  - 6.2.1 Planejamento educacional, 82
  - 6.2.2 Planejamento institucional, 82
  - 6.2.3 Planejamento curricular, 83
  - 6.2.4 Planejamento do ensino, 84
- 6.3 Como elaborar planos de ensino, 85
  - 6.3.1 Plano de disciplina, 86
  - 6.3.2 Planos de unidade, 90
  - 6.3.3 Plano de aula, 91
- 6.4 Quão rígidos devem ser os planos, 91

*Leituras recomendadas*, 92

## **7 A FORMULAÇÃO DE OBJETIVOS, 93**

- 7.1 Função dos objetivos, 94
- 7.2 Como evoluiu o movimento de objetivos educacionais, 94
  - 7.2.1 Os pioneiros, 95
  - 7.2.2 Franklin Bobbitt, 95
  - 7.2.3 Ralph Tyler, 96
  - 7.2.4 Benjamin Bloom, 97
  - 7.2.5 Robert Mager, 97
- 7.3 Propósitos, metas e objetivos, 98
- 7.4 Características dos objetivos adequados, 99
  - 7.4.1 Os objetivos orientam-se para os estudantes, 100

- 7.4.2 Os objetivos fornecem uma descrição dos resultados de aprendizagem desejados, 100
  - 7.4.3 Os objetivos são claros e precisos, 100
  - 7.4.4 Os objetivos são facilmente compreendidos, 100
  - 7.4.5 Os objetivos são relevantes, 100
  - 7.4.6 Os objetivos são realizáveis, 101
  - 7.5 Classificação dos objetivos, 101
    - 7.5.1 Domínio cognitivo, 101
    - 7.5.2 Domínio afetivo, 103
    - 7.5.3 Domínio psicomotor, 104
  - 7.6 Vantagens e limitações da formulação de objetivos, 105
- Leituras recomendadas, 106*

## **8 COMO DEFINIR CONTEÚDOS, 107**

- 8.1 Papel dos conteúdos no planejamento do ensino, 107
  - 8.2 Critérios para a seleção dos conteúdos, 109
    - 8.2.1 Vinculação aos objetivos, 109
    - 8.2.2 Autossuficiência, 110
    - 8.2.3 Validade, 110
    - 8.2.4 Significância, 110
    - 8.2.5 Utilidade, 111
    - 8.2.6 Flexibilidade, 111
    - 8.2.7 Adequação à diversidade dos estudantes, 111
    - 8.2.8 Adequação ao tempo, 112
  - 8.3 Como ordenar os conteúdos, 112
- Leitura recomendada, 113*

## **9 COMO MINISTRAR AULAS EXPOSITIVAS, 115**

- 9.1 Por que as aulas expositivas são tão utilizadas, 116
- 9.2 Modelos clássico e moderno de exposição, 116
- 9.3 Quais as vantagens e as limitações da exposição, 119
- 9.4 Importância das emoções na exposição, 120
- 9.5 Como podem ser aprimoradas as habilidades de comunicação para a exposição, 120
  - 9.5.1 A voz, 120
  - 9.5.2 A expressão corporal, 122
  - 9.5.3 O contato visual, 122
- 9.6 Modalidades de exposição, 123

- 9.6.1 Aula expositiva, 123
- 9.6.2 Aula-recitação, 123
- 9.6.3 Exposição-demonstração, 124
- 9.6.4 Exposição provocativa, 124
- 9.6.5 Exposição-discussão, 124
- 9.7 Como planejar a exposição, 124
  - 9.7.1 Seleção dos tópicos, 124
  - 9.7.2 Organização dos tópicos, 125
  - 9.7.3 Preparação das notas de aula, 125
- 9.8 Como conduzir as exposições, 126
  - 9.8.1 Introdução, 126
  - 9.8.2 Desenvolvimento, 126
  - 9.8.3 Conclusão, 128
- 9.9 Como melhorar a qualidade das aulas, 128
  - 9.9.1 Manifestando espontaneidade, 128
  - 9.9.2 Estimulando a atenção dos estudantes, 129
  - 9.9.3 Introduzindo variedade, 129
  - 9.9.4 Obtendo *feedback* durante a aula, 129
  - 9.9.5 Utilizando recursos audiovisuais, 130
  - 9.9.6 Encorajando a tomada de notas, 130
  - 9.9.7 Promovendo revisões, 131

*Leituras recomendadas*, 131

## **10 COMO PROMOVER DISCUSSÕES EM CLASSE, 133**

- 10.1 Benefícios da discussão, 134
- 10.2 Valor pedagógico da discussão, 135
  - 10.2.1 Favorecer a reflexão acerca do que foi aprendido, 135
  - 10.2.2 Dar oportunidade para que os estudantes formulem princípios com suas próprias palavras, 136
  - 10.2.3 Ajudar os estudantes a se tornarem conscientes de problemas apresentados em leituras e preleções, 136
  - 10.2.4 Facilitar a aceitação de informações ou de teorias contrárias às crenças tradicionais ou ideias prévias, 136
  - 10.2.5 Ensinar a pensar, 137
  - 10.2.6 Promover o envolvimento dos alunos, 137
  - 10.2.7 Favorecer o relacionamento professor-aluno, 137
- 10.3 Como promover discussões com a classe toda, 138
  - 10.3.1 Modalidades de discussão, 138

- 10.3.2 Como iniciar a discussão, 139
- 10.3.3 Como formular perguntas, 140
- 10.3.4 Como estimular a participação, 141
- 10.3.5 Como vencer a resistência dos alunos, 144
- 10.3.6 Como encerrar a discussão, 146
- 10.4 Como promover discussões em pequenos grupos, 146
  - 10.4.1 Grupo de “cochicho”, 147
  - 10.4.2 Fracionamento, 148
  - 10.4.3 Painel integrado, 148
  - 10.4.4 Grupo de Verbalização e Grupo de Observação (GV/GO), 148
  - 10.4.5 Grupos para formulação de questões, 149
- 10.5 Como conduzir seminários, 149
- 10.6 Como avaliar as discussões, 150
- Leituras recomendadas*, 151

## **11 COMO PROMOVER A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS, 153**

- 11.1 O que é aprendizagem baseada em problemas, 154
- 11.2 Fundamentos teóricos da aprendizagem baseada em problemas, 155
- 11.3 Etapas da aprendizagem baseada em problemas, 155
- 11.4 Vantagens da aprendizagem baseada em problemas, 156
  - 11.4.1 Compreensão dos assuntos, 156
  - 11.4.2 Retenção dos conhecimentos, 157
  - 11.4.3 Transferência do conhecimento, 157
  - 11.4.4 Responsabilidade pela própria aprendizagem, 157
  - 11.4.5 Desenvolvimento de habilidades interpessoais e do espírito de equipe, 157
  - 11.4.6 Automotivação, 157
  - 11.4.7 Interdisciplinaridade, 158
  - 11.4.8 Estabelecimento de novas formas de relacionamento entre professores e estudantes, 158
  - 11.4.9 Aprendizado de “longa vida”, 158
- 11.5 Limitações da aprendizagem baseada em problemas, 158
  - 11.5.1 Desempenho de novos papéis pelos estudantes, 158
  - 11.5.2 Desempenho de novos papéis pelos professores, 158
  - 11.5.3 Formulação de problemas apropriados, 159
  - 11.5.4 Exigência de mais tempo que os procedimentos tradicionais, 159
  - 11.5.5 Necessidade de mais recursos humanos e materiais, 159

- 11.5.6 Necessidade de intenso monitoramento, 159
- 11.5.7 Envolvimento do conjunto de professores do curso, 159
- 11.5.8 Complexidade de avaliação do aproveitamento dos estudantes, 160
- 11.6 Em que consiste o método de caso, 160
  - 11.6.1 Fundamentos teóricos do método de caso, 161
  - 11.6.2 Quando o método de casos é apropriado, 161
  - 11.6.3 Como se elabora um caso, 162
  - 11.6.4 Como aplicar o método de caso, 163
- 11.7 O que são simulações, 164
- 11.8 O que são dramatizações, 167
  - 11.8.1 Definição dos objetivos, 167
  - 11.8.2 Elaboração do roteiro, 168
  - 11.8.3 Definição de papéis, 168
  - 11.8.4 Seleção dos participantes, 168
  - 11.8.5 Preparação dos participantes e da audiência, 169
  - 11.8.6 Representação, 169
  - 11.8.7 Análise da representação, 169
- 11.9 Que são jogos, 170
- Leituras recomendadas, 171*

## **12 COMO INTEGRAR ATIVIDADES DESENVOLVIDAS FORA DA SALA DE AULA, 173**

- 12.1 Como se relacionam as atividades de dentro e de fora da sala de aula, 174
- 12.2 Como estimular os estudantes a executar tarefas fora da sala de aula, 175
- 12.3 Como propor tarefas de leitura, 176
  - 12.3.1 Papel da leitura no ensino universitário, 176
  - 12.3.2 O que deve ser lido pelos estudantes, 177
  - 12.3.3 Como os estudantes podem tirar mais proveito da leitura, 177
- 12.4 Como propor tarefas de resolução de problemas, 178
  - 12.4.1 O que significa resolução de problemas, 178
  - 12.4.2 Como conduzir as tarefas de resolução de problemas, 179
- 12.5 Como propor trabalhos escritos, 180
  - 12.5.1 Importância dos trabalhos escritos, 180
  - 12.5.2 Como formular objetivos para os trabalhos escritos, 181
  - 12.5.3 Como evitar o plágio, 181
  - 12.5.4 Como orientar e acompanhar os trabalhos escritos, 182
- 12.6 Como propor trabalhos de laboratório, 183
  - 12.6.1 Eficácia dos trabalhos de laboratório, 183

- 12.6.2 Estilos de instrução em laboratório, 184
- 12.7 Como propor aprendizagem experiencial, 186
  - 12.7.1 Aprendizagem experiencial, 186
  - 12.7.2 Que objetivos podem ser alcançados com a aprendizagem experiencial, 187
  - 12.7.3 Como garantir o valor educativo das atividades experienciais, 188
- Leituras recomendadas*, 188

### **13 COMO UTILIZAR RECURSOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO SUPERIOR, 189**

- 13.1 O que se entende por tecnologia educacional, 190
- 13.2 Importância da tecnologia no Ensino Superior, 190
- 13.3 Vantagens dos recursos tecnológicos, 191
  - 13.3.1 Aproximação da realidade, 191
  - 13.3.2 Facilitação do acesso à informação, 192
  - 13.3.3 Criação de um ambiente agradável de aprendizagem, 192
  - 13.3.4 Promoção do aprendizado independente, 192
  - 13.3.5 Facilitação da avaliação, 192
- 13.4 Desvantagens dos recursos tecnológicos, 193
  - 13.4.1 Utilização com finalidade recreativa, 193
  - 13.4.2 Dependência do recurso, 193
  - 13.4.3 Incentivo à passividade, 194
  - 13.4.4 Exigência de competência técnica para utilização, 194
- 13.5 Tecnologias emergentes de ensino, 194
  - 13.5.1 Computação em nuvem, 195
  - 13.5.2 Impressão em 3D, 195
  - 13.5.3 Realidade Aumentada, 195
  - 13.5.4 Ludificação (*gamification*), 195
  - 13.5.5 Aprendizagem móvel (*mobile learning*), 196
  - 13.5.6 Aprendizagem combinada (*blended learning*), 196
  - 13.5.7 BYOD (*Bring Your Own Device*), 196
  - 13.5.8 Curso *Online* Aberto e Massivo (*Massive Open Online Course – MOOC*), 196
  - 13.5.9 Salas de aula de aprendizagem ativa, 197
  - 13.5.10 Sala de aula invertida, 197
- 13.6 O contexto do ensino com tecnologia, 197
  - 13.6.1 Os objetivos e o conteúdo da disciplina, 198
  - 13.6.2 O professor, 198

- 13.6.3 Os estudantes, 199
- 13.6.4 As ferramentas tecnológicas, 200
- 13.7 Classificação das tecnologias, 200
  - 13.7.1 Tecnologias de comunicação, 200
  - 13.7.2 Tecnologias de apresentação, 201
  - 13.7.3 Tecnologias de planejamento, 201
  - 13.7.4 Sistemas de Gerenciamento da Aprendizagem, 202
  - 13.7.5 Tecnologias de produção de conteúdo, 202
  - 13.7.6 Tecnologias de apoio a disciplinas específicas, 202
  - 13.7.7 Tecnologias de avaliação, 203
- 13.8 Como usar recursos tecnológicos, 203
  - 13.8.1 Quadro de giz e quadro branco, 203
  - 13.8.2 Blocos de papel (*flip-charts*), 205
  - 13.8.3 Projetor multimídia, 205
  - 13.8.4 Lousa interativa (*smart board*), 206
  - 13.8.5 *E-mails*, 207
  - 13.8.6 Fóruns de discussão *on-line*, 207
  - 13.8.7 *Chats*, 208

*Leituras recomendadas*, 208

## **14 COMO AVALIAR A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES, 211**

- 14.1 Por que a avaliação da aprendizagem é crítica, 212
- 14.2 Por que é importante a avaliação, 215
- 14.3 Como tornar a avaliação adequada aos propósitos do Ensino Superior, 216
  - 14.3.1 A avaliação deve ser entendida como parte integrante do processo de aprendizagem, 216
  - 14.3.2 A avaliação deve ser contínua, 217
  - 14.3.3 Os instrumentos de avaliação devem apresentar fidedignidade e validade, 217
  - 14.3.4 A avaliação deve abranger os diferentes domínios da aprendizagem, 218
  - 14.3.5 A avaliação deve ser integrada, 219
  - 14.3.6 As avaliações devem ser preparadas com antecedência, 219
  - 14.3.7 As provas devem ser diversificadas, 219
  - 14.3.8 Convém preparar os alunos para as provas, 220
  - 14.3.9 As provas devem ser ministradas sob um clima favorável, 220
  - 14.3.10 As provas devem ser corrigidas com cuidado e devolvidas rapidamente, 220

- 14.3.11 O processo deve contar também com a autoavaliação, 221
- 14.3.12 O desempenho do professor também deve ser avaliado, 221
- 14.4 Que modalidades de prova podem ser aplicadas, 222
  - 14.4.1 Provas objetivas, 223
  - 14.4.2 Provas discursivas, 227
  - 14.4.3 Provas práticas, 228
  - 14.4.4 Provas orais, 230
- 14.5 Como lidar com a cola, 230
- Leituras recomendadas, 231*

## **15 QUAL O LUGAR DA ÉTICA NO ENSINO SUPERIOR, 233**

- 15.1 Código de ética para os professores, 234
- 15.2 Com que questões éticas se deparam os professores universitários, 235
  - 15.2.1 Ensino da disciplina, 235
  - 15.2.2 Desenvolvimento dos estudantes, 235
  - 15.2.3 Confidencialidade, 236
  - 15.2.4 Apresentação de tópicos delicados, 236
  - 15.2.5 Relacionamentos extrapedagógicos, 236
  - 15.2.6 Avaliação dos estudantes, 237
  - 15.2.7 Relacionamento com os colegas, 237
  - 15.2.8 Assédio, 238
  - 15.2.9 Relacionamento com os funcionários, 238
  - 15.2.10 Relacionamento com a instituição, 239
- Leitura recomendada, 239*

## **BIBLIOGRAFIA, 241**